



<https://climacom.mudancasclimaticas.net.br/a-escrita-e-minha-lingua/>

***“A escrita é a minha língua nativa”: entrevista com Gustavo Rückert***

Daniela Feriani[1]

*Gustavo é “autista, mas não só”, como ele mesmo diz. Também é poeta, pesquisador e professor. É através da escrita que Gustavo se sente à vontade para se expressar; as palavras são uma espécie de laboratório ou ateliê, em que ele experimenta as sensações do próprio autismo, como a ecolalia, a sinestesia, as repetições, o movimento, a sonoridade. Escreve, assim, com o seu autismo, e não apesar dele, numa relação indissociável entre vida e obra, palavra e corpo, linguagem e mundo.*



Gustavo nasceu em Porto Alegre e atualmente vive em Pelotas. É “autista, mas não só”, como ele mesmo diz. Também é pesquisador e professor na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Defende o acesso do ensino, das artes e da ciência a grupos politicamente minoritários, como pessoas imigrantes e refugiadas, oriundas de classes sociais menos favorecidas, pessoas com deficiência e neurodivergentes, com identidade de gênero ou orientação sexual não normativa ou pertencentes a grupos étnico-raciais que são alvos de violência. É doutor em literatura, autor de livros didáticos, livros acadêmicos e de artigos publicados em periódicos nacionais e



internacionais. Estreou na poesia em 2015, com o livro *Poemas de plástico* (Editora Literacidade) e, em 2021, publicou *Serão as rosas vermelhas no escuro?* (Editora Class), sua segunda obra poética.

Nesta entrevista, Gustavo conta, entre outras coisas, a sua relação com a escrita e com a experiência de ser autista: para ele, a poesia, ao possibilitar uma “liberdade anárquica” do uso da linguagem, tornou-se sua casa, “onde posso ser como sou.” É através da escrita que Gustavo se sente à vontade para se expressar; as palavras são uma espécie de laboratório ou ateliê, em que ele experimenta as sensações do próprio autismo, como a ecolalia, a sinestesia, as repetições, o movimento, a sonoridade. Escreve, assim, com o seu autismo, e não apesar dele, numa relação indissociável entre vida e obra, palavra e corpo, linguagem e mundo. “Tem coisas que só consigo compreender e processar se escrevo.” Além de escrever os próprios poemas, Gustavo abre espaço para que outros autistas lancem suas palavras ao mundo, contribuindo, assim, não só para a compreensão mais ampla e plural do autismo, mas, principalmente, para a entrada e o reconhecimento de novos poetas no cenário da literatura nacional.

Numa mistura entre ser autista e ser míope, Gustavo nos convida para ver de outro modo: ver a beleza dos borrões, misturar cores e contornos para ver outras coisas. “É como uma volta a um estágio inaugural onde somos um corpo reagindo a borrões, cores e formas que não reconhecemos”. Nessa abertura do ver, praticamos o exercício de reconhecer a poesia do cotidiano, sem perder a crítica a um mundo caótico e avesso às diferenças. Pois muitos dos poemas de Gustavo tocam em questões urgentes, como a violência contra pobres, pretos, mulheres, indígenas. É na rasgadura do olhar, no ver estrábico, distorcido, errático, que somos capazes de ver mais, ver além, ver o diferente, ver o que está à margem, ver o invisível - ou o que se considera como tal.

#### **ClimaCom - Daniela Feriani - Quando você soube do diagnóstico de autismo? Como foi?**

**Gustavo Rückert** - Meu diagnóstico ocorreu na vida adulta, já com 31 anos. Eu sempre soube que possuía um funcionamento diferente de muitos colegas, familiares, amigos. E eles também sabiam, mas chamavam esse funcionamento de: “estátua”, “preguiça”, “mundo da lua”, “isolamento”, “falta de vontade”, “desinteresse”, “desleixo”, “apatia”, “confusão”... Então, desde criança cresci ouvindo coisas como “o Gustavo é muito inteligente, mas é preguiçoso” – ou



“desajeitado”, ou “desastrado”, ou “estranho”, ou “confuso”. E, quando essas são as únicas imagens que temos de nós mesmos, acabamos internalizando e nos sentindo culpados. Ter um diagnóstico (e esse diagnóstico veio depois de muitos quadros de depressão e de ansiedade que não eram devidamente compreendidos) foi como renascer. Entender que a dupla excepcionalidade (autismo/altas habilidades) faz com que eu pense, sinta, mova, socialize de uma forma não convencional foi importante para buscar uma melhor qualidade de vida através da aceitação, respeito e cuidado comigo mesmo.

**ClimaCom - Daniela Feriani - Como é a sua relação com a escrita? Qual é o lugar que a escrita ocupa em sua vida? E por que escolher a poesia, em particular?**

**Gustavo Rückert** - A escrita possui um lugar central na minha vida. Muitas pessoas acham que todo autista passa por atraso de fala ou dislexia. Mas também pode acontecer o contrário, e foi assim comigo. Hiperléxico, falei muito antes de andar e, segundo meus pais, desde o início não utilizava expressões infantis. Durante a infância e adolescência, não convivi com livros ou com pessoas que costumam lê-los. Mas sempre havia o jornal impresso na minha casa, hábito de meu pai. Acho que isso me despertou logo para a escrita. Lembro que minhas brincadeiras incluíam a redação de jornais com notícias inventadas. Mesmo quando brincava com objetos, era necessário sempre escrever um enredo para eles em uma folha de papel. No final do ciclo escolar, conheci a literatura. Entrei para a Faculdade de Letras e, desde então, não consigo pensar minha vida sem a escrita. Costumo dizer, hoje, que a escrita é a minha língua nativa. Escrevendo, me sinto à vontade para dialogar, me expor, debater ideias. Falar, por outro lado, é sempre algo mais forçado, como se estivesse em permanente tradução para um mundo que espera espontaneidade e teatralidade das pessoas. Tem minha voz também. Não consigo ouvi-la. Minha voz me irrita e me cansa...

A escolha da poesia é pelo fascínio, pela infinidade de possibilidades, pelo pertencimento... Até a adolescência, pensava a poesia como um amontoado cafona e irritante de palavras seguindo regras muito fixas. Mas eu pensava isso sem nunca ter lido poesia. Na verdade, já gostava muito de música, mas não sabia que o prazer estético suscitado por aquelas palavras que ouvia dos cantores era o mesmo da poesia. Aí foi só questão de oportunidade e repertório mesmo. Quando a faculdade me apresentou Pessoa, Drummond, Bandeira, Cabral, Hilda Hilst, Herberto Helder, não teve volta... Descobri que sempre havia gostado de poesia e que esta é o contrário do que eu



pensava: é escrever da forma mais radical e despadronizada possível. E é essa liberdade anárquica que acolheu minha forma de linguagem. Na poesia, pode ter ecolalia, hiperfoco, atenção aos detalhes, apego à visualidade, sem nenhum problema. Por isso, hoje, posso dizer que poesia é casa, poesia é onde posso ser como sou.

**ClimaCom - Daniela Feriani - Como essas experiências – a do autismo e a da escrita – se relacionam? Ser autista influencia na sua maneira de escrever? E, por outro lado, a escrita tem algum impacto ou efeito no seu modo de ser e viver enquanto autista?**

**Gustavo Rückert** - Acredito que a escrita seja uma marca ou um traço singular da nossa existência. Cada pessoa escreve de um modo, e quando vivemos imersos na escrita é muito fácil perceber quando algo foi escrito por uma ou por outra pessoa. Meu corpo processa pensamentos de uma forma diferente (seja pelo hiperfoco, seja pela rigidez cognitiva, seja pela necessidade de ordenação e classificação), processa sensações de uma forma diferente (seja pela sinestesia, seja pela hipersensibilidade a algumas coisas ou pela hipossensibilidade a outras), e produz movimentos de forma diferente (por andar em círculos, mexer as mãos ou os pés em *stims*[2]). Não tem como tudo isso não aparecer em minha escrita, independente do assunto que seja abordado. Meus textos são cheios de repetições, listas, obsessões, sons e imagens que invadem o pensamento, seja pelo prazer ou pelo incômodo sensorial que causam. E, claro, isso impacta demais o meu modo de viver. Tem coisas que só consigo compreender e processar se escrevo.

**ClimaCom - Daniela Feriani** - Em seu livro “Serão as rosas vermelhas no escuro?”, os poemas trazem, para além das literárias, referências filosóficas, musicais e artísticas. Como é a sua relação com a filosofia, a música e a arte? Como elas dialogam com a literatura e escrita?

**Gustavo Rückert** - “Serão as rosas vermelhas no escuro?” é sobre essa obsessão, o meu hiperfoco pela linguagem. Parte do questionamento sobre até onde conseguimos nomear aquilo que vemos. Wittgenstein, um filósofo da linguagem, perguntou isso de forma mais bonita na frase que utilizei como título. É filosofia, mas é autismo também. Muitos autistas possuem alexitimia, que é a dificuldade de compreender e verbalizar aquilo que sentem. Nem sabia na época, mas há pessoas que defendem que Wittgenstein possuía muitas características autistas e sua filosofia é expressão



disso. Os poemas deste livro, em geral, trazem respostas para esse questionamento. Mas eu não teria como responder sem manifestar as vozes que se repetem na minha cabeça. E quando o assunto é linguagem e realidade, são muitas. Aí vinha música, literatura, falas cotidianas, tudo... É um livro muito ecológico, e gosto disso nele. Coloco lá aquilo que repete na minha cabeça e misturo, desordeno, inverte, até surgirem outras musicalidades com o material que consumimos. Quem ler certamente reconhecerá uma porção de coisas que ouviu por aí. E, no fim, acho que a linguagem é isto: se apropriar de um repertório já existente de palavras, expressões, imagens e ritmos para desorganizá-lo. Desorganizá-lo é tentar recriar o mundo em todo seu caos e potência. Parece complexo, mas é a mesma coisa que faz uma criança autista quando enfileira brinquedos.

**ClimaCom - Daniela Feriani** - Outro ponto que me chamou a atenção no livro citado é a mistura entre línguas (português, inglês e espanhol, por exemplo), que parece causar uma estranheza ou deslocar o leitor de uma posição mais confortável. Como você vê e lida com a questão da linguagem, seja enquanto escritor, seja enquanto autista?

**Gustavo Rückert** - Não vejo as línguas como sistemas fechados e regulados em bandeiras, leis ou fronteiras. Vejo as palavras, as estruturas, as sonoridades, como objetos de um colecionador. Sabe aquelas pessoas que têm hiperfoco por colecionar uma coisa específica? Eu coleciono algumas palavras. A caixa em que as guardo é a memória. Conforme vou retirando as palavras da caixa e as desorganizando, ficam lá termos em diferentes línguas que ouço ou leio. E não precisa ser poliglota ou fluente em várias línguas para isso (eu não sou nem um pouco...). Basta ter um “ouvido” autista para ouvir uma palavra, um ditado popular, um refrão em uma língua desconhecida, e isso suscitar um entusiasmo sensorial, que logo estaremos repetindo para ter o prazer de ouvir de novo aquela sequência de sons, aquele ritmo... Tem um crítico literário estadunidense, o Ralph Savarese, que diz que o autista é tipo um derridiano em tempo integral. Ele está sempre no jogo infundável dos signos... E é assim, uma palavra puxa qualquer outra da memória por qualquer relação inusitada (seja fonética, sintática, semântica, etc) e o resultado é sempre desconhecido. Então, quando enfileiro palavras colecionadas em um poema, ocasionalmente, pode acontecer de juntar versos em inglês, termos em tupi e expressões em



latim. Não é um objetivo, nem uma escolha, apenas aconteceu em alguns poemas como uma consequência imposta pela memória.

**ClimaCom - Daniela Feriani - Um tema que me parece recorrente nos poemas é o olhar – um modo de ver que também é um modo de ser e estar no mundo: um ver estrábico, míope, estranho, diferente, que permite ver mais, ver além, ver o invisível. Isso me parece fundamental enquanto uma tomada de posição ética, epistemológica e política em um mundo caótico, avesso às diferenças e negligente com as desigualdades. Em que medida esse “outro modo de ver” se deve ao autismo e à literatura/escrita?**

**Gustavo Rückert** - Ser autista é uma das minhas condições no mundo. Algumas outras são a miopia, o estigmatismo e um tumor que levo comigo no olho esquerdo. Uso lentes para “corrigir a visão” desde a infância. Não viveria sem os óculos. Mas, por momentos, preciso vivenciar o mundo sem as lentes. As pessoas dizem que não enxergo direito sem os óculos – eu mesmo digo isso muitas vezes. Mas não deveria dizer. Sem os óculos, as coisas ganham outro contorno. Ou, muitas vezes, perdem os contornos. E aí se confundem, se misturam, não sei onde acaba uma pessoa e começa uma bicicleta, não sei qual é a cor do campo e qual é a do céu, não sei onde se separam os milhares de pontinhos cinzas e coloridos de uma cidade. E isso é tão lindo... É como uma volta a um estágio inaugural onde somos um corpo reagindo a borrões, cores e formas que não reconhecemos. E se cada pessoa enxerga o mundo com um corpo diferente, a linguagem não pode ser igual para todos, já que falamos/escrevemos a realidade que vemos. Aí que entra a visão na jogada. A rosa é de um jeito para mim, de outro para ti. A escuridão afeta meus olhos de um jeito, os teus de outro. Inevitável que cada um junte palavras diferentes para falar da rosa no escuro...

**ClimaCom - Daniela Feriani - Um de seus temas de estudo é o que você chama de escritas autistas. Como você tem percebido a relação entre autismo e literatura? Quais são as principais questões que a sua pesquisa tem discutido?**

**Gustavo Rückert** - Tem todas as questões que já foram levantadas nas perguntas anteriores, da escrita ser um espaço de liberdade, de expressão e mesmo de pertencimento para muitos autistas. Ou, pelo menos, a escrita literária e, mais ainda, a poética (já que são espaços onde



deixamos a gramática de lado para escrever como bem entendermos). O Ralph Savarese diz que a poesia é um espaço neurocosmopolita, onde a neurodiversidade pode se encontrar (um vivencia o poema mais pelo som, outra pela imagem, alguém pelo sentindo...). Se a poesia tira as hierarquias da linguagem (e a racionalidade não é mais dominante), ela permite várias relações diferentes. A Julia Rodas diz que todas as características que a medicina aponta para a linguagem autista podem ser observadas em clássicos literários. Mas, mesmo assim, a publicação continua sendo um espaço de privilégio que autistas têm dificuldade em ocupar (tirando aqueles best sellers do tipo biografia de autossuperação que o mercado adora...). O meio editorial ainda é muito aquele meio da indicação de amigos, de conhecer editores e escritores em eventos e por aí vai... Ou seja, é um meio que requer socialização, participação em lançamentos, presença em saraus, círculos de amizades, que são difíceis para algumas pessoas autistas e até impossíveis para outras. O projeto que coordeno - “As palavras a girar: poesia autista em movimento” - pretende descobrir e mostrar algumas pessoas autistas que escrevem poesia no Brasil. A ideia é promover oficinas, mostrar que as características de linguagem das pessoas autistas também são poéticas, construir autoestima, formar redes e, sempre, colocar os escritos autistas em evidência. Temos escritores fantásticos, como Flavia Neves, Ana Cândida Carvalho, Euleax de Lima Pereira e Luiz Henrique Magnani, que, até o início do projeto, ainda não haviam publicado. Alguns deles já encontraram casas editoriais e colocaram seus poemas no mundo, e isso é ótimo não só para os demais escritores autistas, mas para o panorama literário atual. Outros, como Milena Martins Moura, MÔ Ribeiro, Sarah Munck, Pedro de Lucena, Jô Melo, Lílian Paula Serra e Deus já tinham publicações que foram sendo encontradas ao longo da pesquisa (algumas com maior dificuldade, pois autopublicadas ou publicadas em editoras independentes de pouca circulação). De qualquer forma, suas obras precisam circular. Essas obras precisam chegar aos leitores, e as pessoas precisam saber que escrevem com o seu autismo, e não apesar de seu autismo.

**ClimaCom - Daniela Feriani - Quais são as principais dificuldades que você enfrenta como autista, de um lado, e como escritor, de outro? E quais são os desafios de ser um autista-escritor?**

**Gustavo Rückert** - No meu caso, sou um autista escritor, mas também professor, também parte de uma família, também habitante de uma casa, também paciente de médicos, terapeutas, etc. E é justamente a conciliação de todas as demandas cotidianas o meu maior desafio. Uma tarefa que



pode demorar 15 minutos para alguém, pode demandar 3 horas para mim. Ou vice-versa. De qualquer forma, o desgaste físico e mental para suportar uma rotina de trabalho, família, cuidados, etc, é brutal. Escrevo nos interstícios de um tempo aleijado, que é um conceito maravilhosamente traduzido pelo Marco Gavério. Basicamente, esse conceito aponta para as diferentes perspectivas de tempo vivenciadas por pessoas com deficiência. Certa vez, um poeta mais ou menos conhecido (e super produtivo – aliás, contraditório dizer isso em poesia, não é?) debochou de mim, chamando “poeta de ano bissexto”. E sou mesmo. Eu precisaria de dias com umas 50 horas para dar conta das demandas do trabalho, da casa, da saúde... Como vivo as 24 horas de um tempo padrão em um corpo aleijado, só me sobra escrever em intervalos, em contrafluxo, em instantes de subversão. E dá uma alegria quando consigo superar a culpa de um tempo controlado para dizer “que se foda, hoje não vou corrigir prova, não vou lavar a louça, não vou para a terapia, hoje vou escrever poesia”.

**ClimaCom - Daniela Feriani - Tem algo mais que você gostaria de dizer? Se sim, fique à vontade para fazer aqui.**

**Gustavo Rückert** - Gostaria de deixar aqui um poema do livro que devo lançar este ano, se tudo der certo. O livro se chama *Diagnóstico médico descritivo* e problematiza diagnósticos não só médicos, mas sociais, políticos, religiosos, etc. O poema que menciono denuncia um caso de violência extrema, que foi a morte de Lacey Fletcher, mulher autista, com ansiedade social, e em pseudocoma. O diagnóstico que a família, a vizinhança, os serviços de saúde a deram foi o de ser descartável, o de ser desumanizada. Ela foi abandonada em um sofá e ficou lá até definhando e partir. Mas a principal denúncia do poema não está no abandono em si, e sim no fato de que ninguém se pergunta com o que Lacey sonhava. O que amava? O que temia? O que imaginava em seu futuro? Nós, autistas, também sonhamos, desejamos, criamos... Quem contará com o que Lacey sonhava? Gostaria de lembrá-la pelos seus sonhos.

**dirge to lacey**

*para lacey fletcher*



o ano é dois mil e  
vinte e dois  
em algum lugar  
sul dos estados unidos  
leci deixa de viver  
                  lacey had stopped breathing  
ou teria deixado há doze  
quicá quinze

cerca de seis diagnósticos  
quicá oito dez  
autismo ansiedade úlcera  
covid coma inanição  
                  lacey had stopped breathing  
quantos anos de ausência  
são necessários  
para que  
ninguém repare?

paralisia total  
de todos os músculos  
involuntários  
paralisia total  
de todos os víveres  
necessários  
                  lacey had stopped breathing

uma síndrome do aprisionamento  
ao sofá  
imóvel o pai  
imóvel o vizinho  
imóvel a doutora  
                  lacey had stopped breathing  
um corpo impedido  
um corpo derretido  
leci trinta e seis anos  
quarenta e cinco quilogramas  
de ossos couro estofado  
insetos alergias mas  
sobremaneira pavor

leci parou



espanta-se a mãe  
em algum lugar  
sul dos estados unidos  
lacey had stopped breathing  
i can't  
quem sabia  
quem se importava  
com o que sonhou  
leci

Obrigada, Gustavo, por palavras tão críticas e poéticas, que nos convidam a experimentar outros ritmos e temporalidades, e acessar outros modos de ver, sentir, escrever e estar no mundo.

Deixo, por fim, um dos poemas do livro *Serão as rosas vermelhas no escuro?*:

entrevejo  
muito mais que vejo  
entrevejo minhas mãos quentes  
que mergulham ásperas  
na areia densa  
que intensa risca  
arrisca em mim  
pó pedra podridão  
emerge dos poros  
habita assim  
alguma parte  
de parte de mim

entrevejo  
mais do que vejo  
tenho minhas mãos sujas  
quando as vejo entre  
não sei se as palavras das coisas  
ou as coisas das palavras  
(e será possível lavá-las?)

percebo  
a lâmina fria da linguagem  
que mineral  
vai rasgando  
a carne  
do mundo  
adentrando visceral  
até o fundo do que não é  
rasga a carne do sol



rasga a carne dos lençóis  
rasga a carne da carne

vejo  
minhas mãos tremulam  
emudeço  
minhas mãos estão sujas  
as minhas mãos  
elas escorrem densas  
pela areia intensa

sangro pássaros  
pulso ávido  
verto vermes flores canto  
que na epiderme  
decantam  
estou esvaindo em verde  
estou esvaindo em azul  
me desmancho em cinza  
tombo pálido  
já não vejo  
nem entrevejo  
apenas sinto  
sem sentir de fato  
se areia palavra ou sangue  
e sangro  
as minhas mãos  
(e não serão as tuas?)  
as minhas mãos  
elas estão nuas

**Livros:**

- *Serão as rosas vermelhas no escuro?*
- *Poemas de plástico*
- *Linguagem e autismo: conversas transdisciplinares*, com Luiz Henrique Magnani

**Instagram:** @gtv.rck

**Contato:** [gh.ruckert@gmail.com](mailto:gh.ruckert@gmail.com)



[1] Antropóloga formada pela Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP. Atualmente, é bolsista de Jornalismo Científico (Mídia Ciência) da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, com o projeto “A demência como outro mundo possível: ações de divulgação científica” [2024/05623-0].

Email: [danielaferiani@yahoo.com.br](mailto:danielaferiani@yahoo.com.br)

[2] Stims são comportamentos repetitivos, movimentos ou ações que têm uma função sensorial e emocional importante, especialmente para pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA).